

**ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E HORIZONTE DE EXPECTATIVA:  
ANTIRREPUBLICANISMO NO JORNAL *O BRAZIL* (1895-1896) E  
CONCEPÇÃO DE TEMPO EM KOSELLECK**

Sarah de Sousa Alves\*

Jaqueline Pereira de Morais\*

**RESUMO:**

O presente trabalho, pretende apresentar um preciso diálogo acerca das categorias de tempo de Koselleck, no fito de conduzir uma reflexão sobre o jornal *O BRAZIL*, qual exerceu papel fundamental nos protestos contra o novo regime de governo, intitulado como República e, contracenado pelo desejo de retorno da monarquia. Sobre análise do periódico, é possível perceber quanto o cenário pautado no desejo, pelos anseios e sonhos dos antirrepublicanos idealizavam um horizonte de expectativas, cujo fim, o retorno do antigo regime para estes seria um país melhor; ideal este que era calcado por um espaço de experiências, vivenciado pelo regime monárquico. Assim, será dada atenção para uma discussão acerca da dissolução do *topos* da *historia magistra*, bem como, a chegada da modernidade estabelecida pela ideia de progresso e a nova concepção de tempo histórico, caracterizado pelas categorias “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. Para tal, será tomado como importantes para o desenvolver do trabalho, autores como Reinhart Koselleck (2006), Krzysztof Pomian (1990), José d’Assunção Barros (2003), Ferreira Júnior, Costa entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Historia Magistra Vitae*; “Espaço de experiência”; “Horizonte de expectativas”; Regime monárquico; República.

**ABSTRACT:**

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás-UFG.

\* Aluna Especial do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás-UFG.

The present study aims to present a precise dialog about the categories of Koselleck, in order to lead a discussion on *the Brazil*, which had a fundamental role in the protest against the new regime of government, entitled *How Czech and contracenado* by a desire to return to monarchy. On examination of the journal, it is possible to realize how much the scenario based on desire, by desires and dreams of antirrepublicanos idealized a horizon of expectations, whose end, the return of the old regime for these would be a better country; ideal that was depressed by a space of experience, experienced by the monarchic regime. Thus, it will be given attention to a discussion about the dissolution of the tops of history magistra, as well as, the arrival of modernity established by the idea of progress and the new conception of historical time, characterized by the categories "Area of expertise" and "horizon of expectation". To this end, it will be taken as important for developing the work, authors like Reinhart Koselleck (2006), Krzysztof Pomian (1990), José de Assunção Barros (2003), Ferreira Júnior, among others.

**KEYWORDS:** History Magistra Vitae; “Area of experience”; “Horizon of expectations”; Monarchic Regime; Republic.

### **Introdução:**

Durante o nosso cotidiano, é possível que nos remetemos a pensar e dizer, que o tempo é a chave para a superação de determinados acontecimentos em nossas vidas. Pode-se afirmar que de uma forma, ou de outra, já nos deparamos com expressões do gênero: “tudo é questão de tempo”; “o tempo cura tudo” ou “só o tempo vai dizer”. O sentido que toma tais expressões, precede-se que a pessoa acredita que o tempo possa proporcionar mudanças em relação ao fato que ocorreu e, que estas aconteçam de formas positivas. Ora, estas estão devidamente ligadas ao senso comum, mas que no entanto nos direcionam para uma reflexão de caráter teórico e filosófico. Visto que filósofos como Santo Agostinho (1984, p. 207 – 231), Aristóteles, ou até mesmo historiadores como Krzysztof Pomian já se dedicaram a desvendar o tempo. Para pegarmos uma definição de tempo, apresentamos que:

*O objeto que designa a palavra tempo, uma coordenação de mudanças reais ou representadas, realizada por uma instância coordenadora que emite signos ou sinais pra esse fim. Não existe o tempo, tempo no singular. Existem múltiplos tempos. Uma classe de natureza de várias instâncias (POMIAN, 1990, p.10 – 20).*

Portanto, se partimos dessa definição de tempo em Pomian (1990), poderíamos estar dialogando com as expressões mencionadas acima, posto que, esse tempo que emerge da mudança, e constitui-se em mudanças, poder-se-á emitir respostas, sinais, há uma expressão “só o tempo vai dizer”.

Uma célebre passagem, de uma, das letras musicais do cantor Cazuza pode ser apresentada aqui; Cazuza ao compor a música *O tempo não para*, cuja gravação ocorreu no ano de 1988, diz assim: “O tempo não para/ Eu vejo o futuro repetir o passado/ Eu vejo um museu de grandes novidades/ O tempo não para.” O contexto qual data a gravação dessa música, corresponde ao novo sistema de governo, a república, que se firmava 24 anos após a instauração de um regime militar no Brasil. Em uma análise da estrofe destacada, atém-se para o que talvez fosse a mensagem, qual o cantor quisesse transmitir. Ao dizer “eu vejo o futuro repetir o passado”, o cantor faz referência de que o passado, que em outrora foi o seu presente (contexto do golpe militar), e apresenta-se nesse futuro presentificado (1988), acenando que os fatos se repetem, ou pelo medo de tornar a repetir. “Eu vejo um museu de grandes novidades”; o que acontece não é literalmente novo, entende-se como uma crítica, uma mera, modificação do velho.

Como se pode observar, as expressões que fazem referência ao tempo e ao passado, estão presentes no cotidiano das pessoas, que usam destes numa espécie de orientação no contexto em qual estão inseridos. Todavia, cabe aqui questionar, que tempo é este ao qual buscamos apresentar neste trabalho; estamos a falar do tempo em si, ou de uma ideia de tempo? Vejamos.

## **O TEMPO HISTÓRICO RELACIONADO AS CATEGORIAS ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E HORIZONTES DE ESPECTATIVAS**

Em resposta à pergunta mencionada acima, o presente trabalho fundamentar-se-á na obra *Futuro Passado: contribuição a semântica dos tempos históricos*, do autor Reinhart Koselleck no intento de trabalharmos tempo histórico, a partir das categorias, entendidas como “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas”. Para tomarmos emprestado uma afirmação de Koselleck,

O tempo aqui não é tomado como algo natural e evidente, mas como construção cultural que em cada época, determina um modo específico de relacionamento entre o já conhecido e experimentado como passado e as

possibilidades que se lançam ao futuro como horizonte de expectativas (2006, p. 01).

Ante a definição da concepção de tempo histórico em Koselleck (2006), destinará uma atenta discussão da *história magistra vitae*. De acordo com Koselleck (2006), até meados do século XVIII, as pessoas caracterizavam a história como uma forma de escola, do qual seus ensinamentos permitiam que se aprendia alguma coisa para a vida, sem que cometesse grandes erros. Tal modelo designava a história ao *topos* de *história magistra vitae*. Esta se dava, em decorrência dos acontecimentos do passado, entendidos como exemplos, experiências a serem evitadas, ou seguidas.

Conforme o autor, a expressão *história magistra vitae*, surge no século IV com Cícero ao cunhar os modelos helenísticos de história. Ela oferecia um caráter de imortalidade para a história, estabelecendo um sentido de instrução para a vida. Para este:

A história é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mensageira da velhice, por cuja voz nada é recomendado senão a imortalidade do orador. A tarefa principal que Cícero atribui aqui à historiografia é especialmente dirigida a prática, sobre a qual o orador exerce sua influência. Ele se serve da história como coleção de exemplos— plena exemplorum est historia [a história é cheia de exemplos] a fim que seja possível instruir por meio dela (KOSELLECK, 2006, p.46).

Tais medidas devem-se ao fato, que as transformações ocorriam a passo lento, permitindo assim que os exemplos do passado continuassem a ser proveitosos. Considerada como uma coleção de exemplos que constituía-se sobre uma estrutura configurando passado, presente e futuro como uma continuidade. Nesse contexto, os eventos se repetiam, o que permitia a possibilidade de aprender com estas ações. (AZAVEDO E DUARTE, 2012, p.70 – 90)

Entretanto, esse modelo que se tinha da história, começa a ser questionado sob o advento de um tempo novo. E para caracterizar esse momento, Koselleck (2006, p. 47) faz referência a Tocqueville, utilizando uma frase que diz: “Desde que o passado deixou de lançar luz sobre o futuro, o espírito humano erra nas trevas.” A demonstração de Tocqueville, diz respeito a alteração que ocorria com a mesma, a certeza que se tinha antes, quando a relação entre o passado e o futuro era desenhada pela experiência do passado, e não iria adiante disso, consentia uma direção ao espírito. (HARTOG, 2003) “A radicalidade do futuro, vivido no presente como aceleração, separou as dimensões do tempo, anulando a utilidade da experiência passada. O passado deixou de iluminar o

futuro, [...] e o velho *topos* se dissolveu frente a um ‘tempo novo’. (AZAVEDO E DUARTE, 2012, p. 74)

Assim temos, uma mudança no vocabulário, qual promove uma alteração no sentido do velho *topos*. E tal transmutação ocorre no espaço alemão, a “*historie*” que denota o relato, a narrativa de algum acontecimento, e assinalando especificamente as ciências históricas, foi modificada pelo termo “*Geschichte*”, que passou a carregar o acontecimento em si, ou uma série de ações cometidas ou sofridas. Não obstante, aos atributos direcionados a esta, no período em que se segue os acontecimentos da revolução francesa, o sentido íntegro da *Geschichte* alude a um coletivo singular (Koselleck, 2006, p. 47). Conforme o autor,

O advento da idéia do coletivo singular, manifestação que reúne em si, ao mesmo tempo caráter histórico e linguístico, deu-se em uma circunstância temporal que pode ser entendida como a grande época das singularizações, das simplificações que se voltavam social e politicamente contra a sociedade estamental: das liberdades fez-se a Liberdade, das justiças fez-se a Justiça, dos progressos o Progresso, das muitas revoluções “La Révolution”. No que se refere a França, pode-se acrescentar que o lugar central que o pensamento ocidental atribuiu à Grande Revolução, em sua singularidade, transferiu-se para a história, no âmbito da língua alemã. (KOSELLECK, 2006, p. 47)

Com a emersão de um tempo novo, agora na modernidade, afirma Koselleck que “o progresso foi a primeira categoria na qual se deixa manifestar uma certa determinação do tempo, transcendente a natureza e imanente a história”. (2006, p. 55). Conforme Koselleck, ao transpor a para o progresso a história, levou o *topos* a perder o sentido.

Nos fatores que tange a dissolução da *história magistra*, instaura-se uma nova concepção acerca da história e do tempo nesse horizonte de debate. Com os eventos não mais se repetindo e, o passado não se constituindo como exemplo, o que de certo modo modificou a olhar e a interpretação dos historiadores para o passado, conforme Koselleck, alterou- se também o tempo da história.

Nota-se então, que anterior ao século XVIII há a sucessão de governantes e dinastias, que a partir da revolução francesa o tipo de governo e de mentalidade vai mudando, pois o que passa a determinar é a categoria de progresso no sentido de que não se tem mais que olhar a experiências do passado para não errar, pois agora o futuro e que importa. A partir desse novo tempo Koselleck coloca que continuamos vivendo a ideia do presente contínuo, pois o passado nem sempre é bom, ele tem que ser superado e não vivido novamente, é essa ideia de devir histórico.

Após a revolução francesa a história passa a ser o sujeito, ela passa ser a história em si, num sentido de coletivo singular nos quais vários fatos vão se concentrar num único conhecimento que é a própria história num sentido de novo tempo. Assim como muda o conceito de história, o objeto da história se transforma, surgindo assim o conceito de explicação histórica, os fatos passam a ter um elo de ligamento no qual se utilizam de métodos. A história nesse sentido caminha para algo que traz o progresso e o esclarecimento no qual os positivistas entenderam como superação do metafísico para o científico. A filosofia da história passa a se preocupar com os fatos isolados, busca a singularidade dos processos históricos no qual se pode determinar um tempo histórico.

Nessa ideia de progresso, a história singular perde a capacidade de ensinar, deixa de ser o exemplo e passa a ser julgado em prol do progresso, tomamos como exemplo o tempo que se destitui do tempo natural e passa a ser contado mecanicamente nesse sentido de progresso tecnológico. Nesse sentido a função da história não deixa de olhar as experiências do passado, o que ela faz agora e um questionamento. A função da história passa a ser daquela que tem o papel de trazer uma explicação, uma lógica para os acontecimentos do passado, mostrando que há uma constante ruptura que traz o progresso que leva a novas experiências que transmite horizontes de expectativas que se identificam como futuro. Então é um passado superado em favor do futuro.

Essa nova história busca a verdade, mas é uma verdade que pode ser errada por conta de uma subjetividade ou um interesse. Ela busca novas fontes, segue métodos. E a partir desse novo conceito de história, se tem a ideia de especialização de história, no qual o historiador passa a buscar um lugar a partir dos métodos e de seu referencial. Surge o historicismo e a história metódica, passa-se a ter a junção entre o relato dos fatos e do acontecimento, inter-relação entre os espaços, institucionalização da história que recebe seu sentido fragmentado e determinação de uma lógica de processos históricos. Para tal, é tomado pelo autor duas categorias históricas, para denominar o que se busca entender aqui como tempo histórico. São as duas categorias meta históricas “espaços de experiências” e “horizontes de expectativas” que na pesquisa, mais precisamente, entrelaçam as temporalidades passado, presente e futuro. De acordo com Koselleck (2006), estas categorias são capazes de desvendar o tempo histórico, na medida em que enriquecidas com seu conteúdo, conduzem as ações substanciais no movimento social e político. Em exercício de tentar exemplificar, Koselleck diz:

A experiência da execução de Carlos I abriu, mais de um século depois, o horizonte de expectativas de Turgot, quando ele insistiu com Luís XVI que realizasse as reformas que o haveriam de preservar de um destino semelhante. O alerta de Turgot ao seu rei não encontrou eco. Mas entre a revolução Inglesa passada e a Revolução Francesa futura foi possível descobrir e experimentar uma relação temporal que ia além da mera cronologia. A história concreta amadurece em meio a determinadas experiências e determinadas expectativas. (2006, p. 308–309)

Para citarmos José d'Assunção Barros (2010, p. 65–68), podemos dizer que a experiência, transpõe-se para o presente por meio das lembranças preservadas na memória, das permanências, vestígios, e através das fontes históricas, que são para os historiadores de um condicionante indispensável. Trata-se, nas palavras de Koselleck, do:

[...] passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, a experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. ( KOSELLECK, 2006, p. 309)

Assim como a experiência, a expectativa se realiza no hoje, numa espécie de futuro presentificado, tratando-se um não experimentado, não acontecido, são sempre uma esperança, indicando sempre um presságio. “Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem” (KOSELLECK, 2006, p. 310). Neste âmbito, passado e presente, apesar de terem uma profunda relação, estes não se coincidem, ao passo que experiência são as ações passadas e horizonte, uma espécie de antecipação da mesma.

Em síntese, “[...] é a tensão entre experiência e expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções, fazendo surgir o tempo histórico.” (KOSELLECK, 2006, p. 313) Essas categorias formais para Koselleck remetem a algo concreto, pois por si só elas não dizem nada, só existe na dependência de algo. Para o autor espaço de experiência e horizonte de expectativa como formal não é histórica e sim meta histórica<sup>1</sup>, e ela só é forma quando existe as experiências de acontecimentos de várias épocas e coisas.

Para entendemos melhor essas duas categorias que se remetem ao tempo histórico, podemos observar que o que nós somos depende do que fomos tanto como

---

<sup>1</sup> Meta histórica aqui está com o sentido de ir além da história, podendo assim utilizar de outras ciências para manter suas explicações.

indivíduos como também como coletivo. Nesse aspecto podemos observar que as experiências rompem com o buraco do presente, pois tudo o que fazemos no presente é decorrente de algo que planejamos antes, com isso observa-se que somos seres de projetos. Sendo dessa forma pode-se dizer que a capacidade de juntar e reestabelecer e conectar o respectivo e o retroativo demonstra que não há ação histórica sem acúmulo de experiência que nos leva a expectativa. Dessa forma essas duas categorias fazem parte do que chamamos de processo histórico. (KOSELLECK, 2006, p. 306).

Se o processo histórico é caracterizado por essa tensão de respectiva ou retrospectiva e prospectiva, então essa ciência histórica que se instaurou reflexiva com o advento da modernidade tem que levar essa situação elaborando categorias. Nesse aspecto não há então experiência sem expectativa nem expectativa sem experiência. A indissociabilidade entre retrospectiva e prospectiva, como coloca Agostinho: a perspectiva pode abranger o negativo, o meio, o receio e o temor, mas também pode abranger a experiência e o passado vivido, o futuro e o passado presentificado. Exposto isso observa-se que são duas categorias adequadas para ocupar o tempo histórico e para também tentar descobrir este tempo, pois está presente no processo histórico e no conhecimento deste processo.

Conforme Koselleck (2006) a experiência e expectativa embora indissociáveis são diferentes: a ideia de horizonte é que não alcança, quando alcança não é mais horizonte. A experiência é algo acumulado, ou seja a cada momento que passa ela é maior. Pode mudar a forma como analisar mais nunca mudar o que aconteceu. As expectativas pode mudar a qualquer momento, antes mesmo que aquele futuro se chegue, porque não remete a algo realizado. Pode-se observar então, que a expectativa pode se frustrar, pode se realizar, mas antes de ocorrer ela pode ser mudada.

Nessa perspectiva das categorias formais de espaço de experiência e horizontes de expectativa trazemos o Jornal O Brasil, que se demonstra um ótimo exemplo para explicitar tais categorias denominadas por Koselleck. Esse periódico vem abordar sobre um grupo da elite carioca que no seu espaço de experiência vivenciou o tempo do Segundo Reinado, a transição para República e estavam vivendo o presente Republicano com o horizonte de expectativa ligados ao anseio de retorno do Império.

Para usarmos o jornal como exemplo, iremos falar primeiramente sobre ele e em seguida colocar sua posição para assim explicitar como ele adentra nessas categorias formais a partir do explicitado por Koselleck.



Nos anos iniciais do regime republicano não foi incomum observar várias ações políticas comandadas por monarquistas desejosos pelo retorno do Império. O regime de governo anterior, ainda estava na memória das pessoas no ano de 1895 e 1896 principalmente porque a República não seguiu o modelo que eles pensavam ser o ideal. Aqui nota-se o espaço de experiência desse grupo carioca. Por essa razão, buscaremos a partir do jornal *O Brazil*, refletir sobre esse desejo de retorno por parte de um segmento intelectual da sociedade carioca como a categoria meta histórica de espaço de experiência, e quais eram os horizontes de expectativas que estas pessoas possuíam e como buscavam que essas expectativas deixasse de existir, deixando de ser um horizonte.

Os colaboradores do periódico *O Brazil* buscaram mecanismos, a partir da memória vinculada ao jornal, ou seja, de suas experiências, para se construírem formas de legitimar o retorno do Império. O debate historiográfico sobre a passagem do Império para a República coloca em evidência um cenário político tenso no qual se instaura o governo republicano, mostrando, assim, que os ideais monarquistas já não estavam fortes. O Jornal *O Brazil* apresenta-se em meio a essa conjuntura de tensões e fragilidade da monarquia no Brasil. Por isso, buscaremos entender como essa fragilidade trazia expectativa de mudanças.

No período de sua circulação (1895-1896), foram publicados 57 números o ideal colocado pelos colaboradores: de legitimar o retorno do Império, tanto no Rio de Janeiro que era cidade de sua publicação quanto em todo Brasil. Ao pesquisar sobre o periódico *O Brazil* notamos que ele foi o primeiro jornal a se declarar contra o estado republicano após o início da repressão à imprensa monarquista. Segundo seus escritores e proprietários, *O Brazil* era uma folha propagandista dos princípios monarquistas e da liberdade do povo brasileiro, que reunia pessoas que estavam insatisfeitas com o novo regime, essa represália se dava a partir do que vivenciaram no Império e a partir daí buscavam o retorno do regime monárquico a partir de suas expectativas para um futuro próximo.

O jornal transmite a ideia de que a Monarquia, mesmo com a República estabelecida como novo regime, não se apagou da consciência nacional. Pois, para os ditos monarquistas, a monarquia era uma instituição que foi por dezenas de anos a condição da felicidade e da prosperidade, como já está indicado pelo proprietário M. S. Ramos no Expediente e no editorial cujo título é “O BRAZIL”, ambos publicados em seu primeiro número.

Nesse aspectos as expectativas era para a volta do que era antes, ou seja eles queria que tivesse o retorno de um regime governamental que um dia foi, visto que o antes era melhor. Eles queriam a volta da monarquia não como uma repetição, mas como uma forma que foi melhor, porém com as mudanças necessária para se ter uma nação melhor. Essa era a expectativa. Os redatores do jornal diziam acreditar na superioridade e excelência da constituição monárquica, pois, para esse grupo, a partir de suas experiências esse regime era verdadeiro e legítimo. Vejamos um trecho de um artigo publicado no periódico:

[...]A República na decadência em que se acha, tem forçosamente que cair, é a única e mais provável e certa consolidação, é ministrasse-lhe o ultimo vomitório de tática política, quanto antes.

Mas onde essa tática?

Quem há de aplicar-lhe esse remédio?

Uma verdade: ninguém infelizmente ninguém! ...

O único recurso, o mais prático, o mais natural, é restaurar a monarquia. E a culpa disso tem alguns supostos republicanos, que acompanharam, garbosos, o ato verdadeiramente carnavalesco do celeberrimo 15 de novembro de 1889, ajudando a edificar o fantástico templo, que hoje dizem ser o da liberdade, sobre um abismo que desconheciam ou ignoravam [...] (JUNIOR, 1896, p.2)

O periódico foi criado com intuitos diferentes dos outros jornais monarquistas em decorrência de aceitar opiniões e ideias diferentes daquelas que professavam. Por ser um jornal pequeno, diziam que “não podiam surgir como violento e bombástico e nem adaptado num estilo vermelho e vulcânico, pois é o primeiro jornal que, depois dos acontecimentos de 15 de novembro de 1889, apareceu com o subtítulo de órgão monarquista” (O BRAZIL, 1895, p.1). Acreditavam ser necessário manter a paz e manter sempre a reflexão. Nesse sentido, diziam que: “Seremos inofensivos a princípio, como dizem, mas também às vezes é pequenina a massa de gelo que se desprende do cume dos altos montes, e que, se transformando em formidável avalanche tola, até o fundo dos vales, derruba e destrói na sua passagem tudo que encontra” (OS PERIÓDICOS, 1895, p,1).

Diante do exposto, percebe-se que os colaboradores, queriam se instaurar de forma pacífica, porém, queriam ter alguma representatividade na sociedade, de modo que a população leitora pudesse reconhecer que eles disseminavam apenas ideais bons para o Brasil. Aqui podemos observar o horizonte de expectativas explicitado por Koselleck. Nessa questão se fossem reconhecidos como legítimos, seus ideais além de serem fortes, poderiam se tornar ameaçadores a posteriori, o que não era possível

naquele momento, devidamente por conta de sofrerem com atitudes repressivas do estado republicano contra a Imprensa.

Explicitado de que se tratava esse jornal intitulado pelos próprios proprietários como órgão monarquista, vamos abordar algumas referências aos espaços de experiências vivenciados pelos colaboradores. No trecho apresentado a seguir nota-se a apologia ao regime monárquico através da memória e experiências vividas pelos colaboradores do periódico em detrimento da República. A construção do discurso de apologia se dá no antagonismo entre Monarquia marcadamente um regime estável e a República que por sua vez representava a instabilidade e a insegurança, ficando evidenciado o ressentimento destes para com o regime republicano instaurado.

Hoje a observação, a experiência, a confrontação crítica, patenteia de maneira irrecusável o seguinte: a monarquia era a paz, a tolerância, a concórdia; a república é o ódio, o fanatismo a guerra civil; a monarquia era a liberdade dos costumes, a liberdade amplíssima; a república o despotismo cruel, e a revivência dos mártires inquisitoriais; a monarquia era a segurança dos cidadãos, o acatamento de seus direitos e prerrogativas; a república é o perigo constante, a ameaça iminente; a monarquia era a dignidade e a consideração do exterior; a república é o desconcerto perante o mundo, o menor preço, por parte do estrangeiro, da soberania territorial; a monarquia era o crédito, a regular administração financeira a (...) nas contribuições, as facilidades no meio de existência; a república é o descalabro, a desorganização dos serviços, a agravação dos impostos, a carestia, a barrocada; a monarquia era a noção de nacionalidade homogênea, e coesiva; a república e a dispersão do ideal coletivo, avassalados pelos interesses particulares, a desagregação, o perecimento da pátria grande e comum. (CELSO, 1895, p.1)

Garcia Junior outro articulista que colaborava com o jornal escreveu contra a república no jornal O Brasil, na publicação de 15 de Abril de 1896, dizendo que:

*Nascemos uns, reaparecemos outros porque assim o exigia urgentemente e nosso direito de brasileiros e o nosso dever de patriotas, visto que nossa pátria se acha ameaçada de um tremendo flagelo, catástrofe que será inevitável continuando ela com o governo atual. A sua desmoralização é completa e notória. O cinismo desses especuladores, desses argentários, desses mercadores degenerados da sua própria Pátria tocou a meta. (JUNIOR, 1896:1)*

Nesse trecho do editorial “Pela Monarquia”, o autor transmitiu a insatisfação com o governo. Para tal, buscou formas de desmoralizar o regime republicano através de seus escritos. Para ele, enquanto república, o Brasil apenas se degradava. A questão da memória e da experiência está presente quando ele cita que “nascemos uns,

reaparecemos outros”, ou seja, Junior em questão nasce no período monárquico e já na república se vê envolto em um regime que levará, a partir de seus horizontes de expectativas não boas, inevitavelmente sua nação a catástrofe. Suas argumentações evidenciam a construção da memória monárquica e exaltação desta em face ao regime republicano instaurado. Nesse aspecto entra outras expectativas ligadas ao governo que deveria permanecer. Vejamos:

Parece que o próprio pensamento se perde em turbilhões indefiníveis de iniciadas premissas e várias conclusões, o recordar, com saudade, o que fomos, e o coração oprimido por uma mágoa profunda não pode exprimir o que sente, quando lembramos de que fomos um povo heróico, cheios de glórias e de soberania, um povo que parecia caminhar para um futuro grandioso e próspero, em que a felicidade o bem estar de par com o respeito e a sinceridade se expressavam francamente em todos os corações, nada havia a rezear, todos congregavam num só todo em um único pensamento – o de cada um bem servir a sua pátria. (EDITORES, 1895, p.2)

Nesse trecho fica claro que o espaço de experiência do colaborador em questão está presente nos discursos do jornal apresentando o Império de forma saudosista, a expectativa demonstrada aqui se refere a volta de um antigo regime de governo. Porém, sabe-se que a mudança de regime se deu a partir do “desprestígio que recaía sobre a monarquia, em virtudes das críticas que os próprios monarquistas lhe dirigiam” (COSTA, 2007, p. 322).

Enfatiza-se, então, que a construção positiva da monarquia, mais uma vez, apresenta-se como uma maneira de fazer a população idealizar uma expectativa e, sobretudo, a partir de seus desejos de lutar para o retorno do Império, é a ideia de que o antes era melhor, e o agora pode melhorar.

Segundo Koselleck “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou sofrem” (2006, p. 306), nesse aspecto nota-se que o Jornal *O Brazil* tal qual fora apresentado está inserido dentro dessa lógica, pois como afirma o autor: “a expectativa abarca mais a esperança” (2006: 308), nessa perspectiva o jornal tinha a esperança do governo voltar a ser imperial, mas vai para além disso, pois eles acreditavam que isso poderia realmente ocorrer. O autor no mesmo trecho ainda diz que “a experiência é mais profunda do que a recordação” (Koselleck, 2006, p. 306). Nesse âmbito o jornal *O Brazil* não só traz à tona suas memórias como as usam para assim legitimar a República como o pior para a nação e o Império como a solução para os problemas do país.

Koselleck coloca o horizonte como “aquela linha por trás da qual se abre o futuro” (2006, p. 311), pois sem as expectativas desse futuro muitas vezes o presente não faz sentido. Sem a esperança de que o regime imperial pudesse voltar como forma de governo, não fazia sentido a existência do jornal opositor ao regime. O autor também explicita que apesar de seus prognósticos serem possíveis, eles se depara com um limite absoluto, que ela não pode ser experimentada. Aqui podemos dizer que se caso o Brasil voltasse ao regime anterior como eles estavam querendo, o horizontes de expectativa deixaria de existir, podendo assim criar-se outras esperanças.

O autor afirma que “O que se espera para o futuro está claramente limitada de uma forma diferente do que foi experimentado no passado”. (Koselleck, 2006, p.311) Os colaboradores do jornal queriam o retorno do império, isso é fato, porém eles queriam o que tinha de positivo, mesmo porque exploravam as questões ruins da república para poder desqualificá-la, como está explicito a seguir:

Eis a República. A pátria periga; e nós já chegamos um pouco atrasados, ao campo de ação. Fizemos mal em esperar tanto; esperamos por demais pela aurora da felicidade nacional, que os republicanos prolavam bestialmente. Vêem, pois esses perversos contendores que fomos legais, sinceros porque ainda os esperamos por espaço de seis anos. Agora – ao campo, á luta pela pátria. Agora que têm já gozado, satisfeito as suas ambições argentárias o perpetrado legalmente toda a sorte de abominações em nome da pátria e da lei, têm também o dever de nos ouvir. E hão de deixar que estigmatizemos a república com os seus próprios feitos porque essa marca demonstrará aos nossos filhos o crime que ela carrega e relembra-lhes a vaidade tola de uns loucos que queriam realizar o que haviam sonhado(...) (JUNIOR, 1896, p.2)

As questões que não satisfaziam o que era tido como um governo ideal, isso podia ficar no passado, pois o que se esperava do futuro era apenas um país melhor.

Segundo Koselleck “das experiências se pode esperar hoje que elas se repitam e sejam confirmadas no futuro” (2006, p. 311). O periódico *O Brazil* queria tomar como exemplo o que vivera no passado para legitimar um possível futuro, mas como afirma Koselleck uma expectativa não pode ser experimentada de tal forma, visto que essa pode não se realizar. É o caso dos anseios do jornal que não se realizou, mas mostrou para a posteriore que a República não foi aceita por todos os cidadãos brasileiros, e que muitos tinha o desejo de retorno desse regime.

Apesar de espaço de experiência e horizonte de expectativas serem duas categorias formais, nota-se que elas constitui uma diferença temporal no hoje, na medida em que entrelaçam passado e futuro de maneira desigual. O que se vivenciou não pode voltar a ser como antes, pode acontecer de formas aproximadas, porem nunca

igual. O retorno do império poderia até ocorrer, mas não seria com antes, mesmo porque não estava vivo o antigo Imperador no ano de 1896.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, percebemos no livro *Futuro Passado*, com a modernidade entra a questão de que para o futuro se espera algo melhor. Segundo Koselleck “só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir do momento que as expectativas aumentam progressivamente” (2006, p. 314). A partir do periódico observa-se que o anseio pelo retorno somente aumentava a expectativa de que um dia o país seria melhor. Esse retorno ao antigo regime não ocorreu, mas as expectativas ligadas às experiências vividas nos tempos de primeira República continuou até a última publicação que tivemos acesso, como podemos ver a seguir:

Se todos os brasileiros soubesse conhecer os seus direitos e os sustentassem com essa energia de caráter coeso e justiceiro, nunca teríamos chegado ao lastimável estado em que nós achamos entregues. Nota-se porém que a energia não deve passar ao despotismo, bem como a obediência de um vassalo ao seu rei não deve (...) dar-se para servilismo. (JUNIOR, 1896, p.3)

Diante dos esboços apresentados, percebemos as mudanças ocorridas em torno das formas de se pensar o tempo histórico e, de quais formas a história foi se enquadrando nele, sobretudo pelas formas como passou a olhar o passado, fator este que exerceu papel crucial para uma nova reinterpretação da história, ocasionando na destituição do *topos* da *história magistra vitae*. Esta que embora, não fora extinguida no todo, contudo foi questionada pelos que se serviam dela como exemplos, como *máxima*, como a mestra da vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADVOGADO. Pró- Luzitânia. *Jornal O Brazil*. Rio de Janeiro, 15 de nov. p. 2, 1895.

AGOSTINHO, Santo. Livro XI: O homem e o tempo. In: \_\_\_. *Confissões*. Tradução: J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, S. J. (Coleção Os Pensadores) 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural. p. 207-231. 1984. Disponível em: <[http://www.fafich.ufmg.br/downloads/CONFISSÕES\\_Livro\\_XI\\_O\\_Homem\\_e\\_o\\_Tempo.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/downloads/CONFISSÕES_Livro_XI_O_Homem_e_o_Tempo.pdf)>

ARISTÓTELES. El tempo. In: Física. Livro IV (10-14). Versão em espanhol.  
Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0BxAbmxL88uaJV2LTVVWnFSTTQ/edit>

AZEVEDO, João de. DUARTE, Dias. Tempo e crise na teoria da modernidade de Reinhart Koselleck. In: História da historiografia, 2012.

BARROS, José de Assunção. Rupturas entre o presente e o passado: Leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendth. In: Revista Páginas de Filosofia, 2010.

BRAZIL, O. D.Carlos. Jornal O Brazil. Rio de Janeiro. 15 de Nov, p. 1, 1895.

BRAZIL, O. Os periódicos. Jornal O Brazil, Rio de Janeiro. 20 de Nov, p. 1, 1895

CELSO. Afonso. Depois de 15 de Novembro. Jornal O Brazil. 15 de Nov, p. 1, 1895

COSTA, Emília Viotti da. Da monarquia à república: momentos decisivos. 8º ed. rev. e ampliada. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007.

EDITORES. A Coroa Impérial. Jornal O Brazil. 31 de dez, p. 2, 1895

HARTOG, François. Tempo, História e a escrita da História: a ordem do tempo. Tradução: Francisco Murari Pires. In: Revista de História, 2003.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. Os subversivos da República. 1º ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

JUNIOR, Garcia. Pela Monarquia. Jornal O Brazil. 15 de abr, p. 2, 1896.

LACERDA, Faria. De Sobre as Ruínas. Jornal O Brazil. 5 de dez, p. 1, 1896.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução: Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

NABUCO, Joaquim. A Fé de ofício do Reinado. Jornal O Brazil. 4 de dez, p.1, 1895.

POMIAN, K. El orden del tempo. Universidad. Madrid: Júcar. 1990.

RICOEUR, Paul. A Memória, a História, o Esquecimento. Campinas: editora da Unicamp, 2007.

Vide: AGOSTINHO, Santo. Livro XI: O homem e o tempo. In: \_\_. Confissões.  
Tradução: J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, S. J. (Coleção Os Pensadores) 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 207-231. Disponível em:<[http://www.fafich.ufmg.br/downloads/CONFISSÕES\\_Livro\\_XI\\_O\\_Homem\\_e\\_o\\_Tempo.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/downloads/CONFISSÕES_Livro_XI_O_Homem_e_o_Tempo.pdf)>